

# TRIBUNA LIVRE

ANTHONY WONG



## O Rio Doce sempre precisou de atenção

O acidente com a barragem em Mariana teve grande repercussão. Nas notícias divulgadas logo após a tragédia, usou-se a expressão lama tóxica. Fiquei preocupado especialmente com o risco da presença de substâncias que poderiam contaminar o ecossistema da região.

Minha formação e meu treinamento científico, e sobretudo como médico toxicologista, fizeram com que procurasse me aprofundar sobre qual era, de fato, a composição do rejeito.

Sabe-se que ele é composto basicamente de água, restos de óxidos de ferro, quartzo, e outros metais presentes junto ao ferro, além de eventuais produtos usados em mineração.

Nos diversos laudos de análises, realizadas em conceituados laboratórios, os resultados são tranquilizadores.

Nos pés do dique mais distante, por onde corre o Rio Gualaxo do Norte, a turbidez inicial, que era 260.000 NTU, caiu para 11.000 NTU. Ao longo do Rio Doce, as análises de janeiro demonstram que a água já apresentava turbidez muito abaixo de 200 NTU. Uma parte significativa poderia ser resultado das fortes chuvas.

O relatório da Agência Nacional de Águas (ANA) afirma que a água tem qualidade para regar plantas e alimentar

o gado e que, após tratamento não complexo, é apropriada para consumo humano.

O cheiro forte nos primeiros dias se desfez rapidamente. As substâncias orgânicas decompostas e represadas por décadas foram expostas e logo evaporaram. As análises atuais demonstram que já não há níveis anormais, muito menos tóxicos, de material orgânico e de metais pesados que possam ser atribuídos aos rejeitos.

Metais pesados, fora ferro e manganês, não foram detectados nem no Rio Gualaxo do Norte. Estes têm os níveis elevados, mas muito aquém de níveis de alarme e muitíssimo menores do que níveis tóxicos.

O que foi constatado é que algumas substâncias nos rios, como fósforo e nitratos, assim como de MBAS, estavam acima das normas do Conama 357.

Foram também detectados níveis preocupantes de coliformes fecais e de outros microrganismos, como o Ceriodaphnia dubia, usados para avaliar presença

excessiva de agrotóxicos. Isso indica que a contaminação dessas águas é resultado da poluição gerada pelo uso excessivo de domissaneantes e agrotóxicos e principalmente da falta de saneamento básico.

Não se pode disseminar o pânico, dizendo que há risco à saúde. O problema imediato é a água lamacenta. Seu aspecto pode ser desagradável, mas não é perigoso para a saúde.

A água do Rio Doce, como está, não oferece maior risco nem no presente nem no futuro. Mais grave é a condição de rios como o Paraná, Pinheiros e os da Baía de Guanabara.

Os componentes da lama não oferecem riscos toxicológicos. Os

traços de metais não são sequer preocupantes. Existem terrenos baldios no Brasil afora com níveis perigosos.

Houve, sim, um acidente grave, com 17 mortos, 2 desaparecidos e muitos transtornos a comunidades e ao meio ambiente.

Perpetuar e usar

como instrumento político de pouca responsabilidade, para demonizar alguém, enquanto se paralisa uma atividade produtiva que gera milhares de empregos diretos e indiretos, e que tem forte impacto econômico na região, isso sim é um deserviço à Nação.

O bom senso recomenda que o acidente seja, efetivamente, uma oportunidade para recuperar o Rio Doce das doenças que já vinha sofrendo lentamente.

O compromisso de sua recuperação deve ser, de todos, da Samarco, dos Estados (Espírito Santo e Minas Gerais), governo federal, dos municípios por onde passa e de toda a sociedade.

Aprendemos uma valiosa lição. O que cada um de nós está fazendo aqui no dia a dia, quase em microfrações, é infinitamente mais danoso aos nossos lares, nossas regiões e a todo o planeta e que precisamos reverter.

Anthony Wong é diretor médico do Centro de Assistência Toxicológica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.



**Não se pode disseminar o pânico. O problema imediato é a água lamacenta**